



A PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA: breves reflexões para docentes do Ensino Fundamental II

Ana Beatriz Câmara Maciel
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Fábio Daniel Pereira Marinho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os conceitos de paisagem, procurando analisar os erros existentes, quanto ao estudo deste conceito, na disciplina de geografia, propondo, também, reflexões e desafios que sejam mais concernentes a própria evolução da ciência geográfica na atualidade, tendo como público-alvo professores do Ensino Fundamental II. Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo analisar como está sendo abordado o conceito de paisagem nas escolas e se os docentes estão realizando as adequações necessárias às discussões mais atuais relacionados à paisagem geográfica, decorrentes do acúmulo e da evolução do conhecimento científico no último século. Busca-se, dessa forma, trazer contribuições para se romper com o estudo estático da paisagem, bem como auxiliar na construção de abordagens de ensino mais dinâmicas e interativas com a realidade socioespacial vivenciada pelo aluno, permitindo que o ensino da Geografia nas escolas esteja colaborando para a formação crítica dos cidadãos perante a sociedade. Esta formação crítica obedece à fundamental relação entre sociedade-natureza na qual surge à crise ambiental mundial.

Palavras-chave: Paisagem; Ensino da Geografia; Ensino Fundamental II.

THE LANDSCAPE IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY: the brief reflections for elementary school teachers II

Abstract

This article aims to reflect on the concepts of landscape, analyzing the errors that exist with regard to the study of this concept in the discipline of geography, proposing also, reflections and challenges are more regarding the actual development of geographical science today, with the public target elementary school teachers II. Therefore, this article aims to analyze how it is being addressed the concept of landscape in schools and whether teachers are making the necessary adaptations most current discussions

related to the geographical landscape, resulting from the buildup and evolution of scientific knowledge in the last century . One aim, therefore, should contribute to breaking the static study of the landscape as well as assisting in the construction of approaches to teaching more dynamic and interactive with the reality experienced by socio student, allowing the teaching of geography in schools is collaborating critical for the formation of citizens in society. This critical training follows the fundamental relationship between society and nature which arises in the global environmental crisis.

Keywords: Landscape; Geography Education; Elementary Education II.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discutir um dos conceitos-chave da Geografia, paisagem, procurando fornecer subsídios para uma compreensão deste conceito que vá além daquele existente nos livros didáticos, mas que, ao mesmo tempo, não possa se tornar complexos demais para serem trabalhados em sala de aula com discentes do Ensino Fundamental. Neste sentido, o educador tem o dever de estimular e construir este conceito junto com seus educandos, demonstrando que nem sempre o mundo descrito nos livros didáticos corresponde ao mundo real e o certo.

O ensino da Geografia vem sofrendo modificações ao longo do tempo, e vem sendo questionado em consequência de vários fatores, entre eles, a discussão sobre os conteúdos e critérios que devem ser trabalhados nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, juntamente com a atualização dos docentes. Essas mudanças redimensionaram a forma de ensinar e o que deve ser ensinado na sala de aula, levando o professor a buscar novas maneiras de avaliar e analisar, além do conteúdo dos livros didáticos, os valores presentes no ato de ensinar.

Nesse sentido, o educador deve estar disposto a utilizar as novas técnicas e metodologias para elaborar as suas aulas, pois, o mesmo se depara com um público cada vez mais exigente, a espera de mais conhecimento sobre o espaço geográfico e, conseqüentemente, da paisagem vivenciada pelos mesmos.

Dessa forma, o livro didático vem sendo usado pelos educadores como um dos instrumentos fundamentais de ensino. Portanto, cabe ao professor a análise crítica na utilização do livro didático de Geografia, não permitindo com que os discentes fiquem alienados com os conceitos e/ou definições prontas. Isso acaba colaborando para a formação cultural e social, já que se mantém como o recurso

presente em sala de aula e, sendo esse, a principal fonte de atualização e de reflexão.

Diante disso, o conceito de paisagem geográfica vem sendo muito trabalhado nas últimas décadas, principalmente relacionadas ao meio ambiente. Isto se deve a importância deste conceito para a Geografia. Nesse contexto, destaca-se que: “A categoria paisagem, porém, tem um caráter específico para a geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente”. (PCNs, 1997, p. 11).

Assim, caberá ao professor discutir em sala como se construiu o conceito de paisagem e o como deve ser empregado na atualidade, pois o estudo da paisagem não deve se limitar à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Mas será de enorme importância pedagógica poder explicar e compreender todos os processos de interação entre a sociedade e a natureza, situando-as em diferentes escalas parciais e temporais, comparando-as e dando-lhes significados.

A DINÂMICA DO ESPAÇO ESTÁ PROVOCANDO MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS NA PAISAGEM

A noção de paisagem tem sido amplamente debatida em muitos ramos da ciência, principalmente entre os geógrafos, arquitetos e urbanistas que tem contribuído com diversos estudos e pesquisa dessa natureza, sempre buscando compreender as relações que se estabelecem entre o ser humano e o seu entorno.

Este artigo vem abordando o espaço como categoria, pois as paisagens estão inseridas nele, sendo transformadas a todo o momento. Dessa forma, é imprescindível falar sobre os conceitos de espaço e paisagem. SANTOS (1985) e SANTOS (2008), trabalha com o espaço e a paisagem, descrevendo o conceito e os elementos que compõem cada um e como eles agem de maneira integrada. Segundo Santos (1985), o conceito de espaço consegue fazer todas as possíveis relações existentes, e de acordo com isso, afirma:

Espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participa, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. (SANTOS, 1985, p. 27)

Ao analisar e compreender esse conceito, acreditamos que o mesmo dá fundamentos (categorias do método geográfico que são: estrutura, processo função e forma – Figura 01) para o que está sendo desenvolvido no trabalho, ou seja, fazer a relação do espaço com o meio natural e com a sociedade, mas também o porquê desta está transformando o espaço geográfico. Dessa forma, é necessário que ocorra uma abordagem centrada no espaço, de acordo com a sua:

- FORMA: vai se referir ao aspecto visível, ao que se vê do espaço, ou seja, a própria paisagem;
- FUNÇÃO: pretende decompor o espaço com seus elementos – oferta e demanda, transporte, infraestrutura, serviços, gestão, entre outros – mediante uma análise sincrônica, ou seja, captando sua participação na totalidade, num determinado momento ou em um intervalo de tempo historicamente determinado;
- ESTRUTURA ESPACIAL: pretende expressar a dependência mútua entre as partes do todo. Exemplo: dados estatísticos entre oferta e demanda; e,
- PROCESSO ESPACIAL: corresponde a uma categoria de análise diacrônica, objetivando investigar a evolução da estrutura que se transforma. Procura captar o dinamismo do espaço que pode apresentar fases de estabilidade, de pequenas mudanças ao se reestruturar, ou, então, passar por completas transformações produzindo-se novos espaços.
-



Figura 1. Categorias do método geográfico, segundo Milton Santos.
Fonte: Ana Beatriz Câmara Maciel (Nov.2011)

Santos (1994), além de fornecer elementos sobre o espaço, discute, também, o conceito de paisagem, ao afirmar que é:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. [...] A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 2008, p.40).

Diante desse conceito, podemos observar os inúmeros elementos e as diferenças existentes entre o espaço e a paisagem que são concepções geográficas, bases da ciência geográfica. Fica evidente que a paisagem é muito mais do que o visível, de acordo com a abordagem de Santos (2008), é a interação dos elementos que compõem o espaço. Assim, a paisagem é composta pela junção das formas, das funções, das estruturas e dos processos pelo qual a mesma está inserida.

Portanto, deve-se considerar a paisagem como categoria de análise como afirma Santos (1994) para entender como a mesma se configura. Quando se trabalha com a formação do espaço geográfico em sua totalidade, Silva (1988) considera a paisagem natural resultante de uma desigual combinação dos fatores físicos, ou seja, geológicos, pedológicos, geomorfológicos, climáticos, hidrológicos e os bióticos. Nesse sentido, Claval (1984, p.342, apud OLIVEIRA 1998, p. 81-82) afirma que:

A paisagem oferece a possibilidade de abordar, dentro do mesmo movimento, todas as questões emergentes para o futuro da geografia, aquelas que concernem ao meio e das pressões ecológicas na organização do espaço, aquelas que nascem do funcionamento das instituições sociais e das tensões e conflitos que elas alimentam, aquelas que mostram em que o homem difere de um ponto ao outro, e o exprime pela organização de espaço diferente.

De acordo com Cavalcanti (2007), a paisagem é a fisionomia, a morfologia ou a expressão formal do espaço, refletindo a visão que a população tem sobre a área a sua volta, tendo como função suportar uma identidade e servir de apoio para

instigar a coesão existente na sociedade e sendo o fundamento da formação das identidades, agregando a linguagem científica com o emocional e, também, entre o saber geográfico e a identidade cultural. A esse respeito Christofolletti (1979, apud CAVALCANTI, 2007, p.31),

Observa que a abordagem e valorização do quadro natural; os movimentos relacionados com a crise ambiental; a difusão das perspectivas sistêmicas e das técnicas de análise multivariada e a preocupação em fornecer bases necessárias para o planejamento socioeconômico contribuem para a caracterização, estrutura e dinâmica das paisagens naturais.

Assim, podemos elucidar que a percepção da paisagem, para o estudo da organização do espaço, sustenta-se na utilização de um enfoque de três sistemas relativamente independentes (natureza, economia e população), por meio de uma visão integral e sistêmica de cada um deles.

Dessa maneira, a análise da paisagem deve seguir um diagrama de organização do espaço e este deve realizar um zoneamento funcional de cada parte e/ou elemento natural do espaço, se baseando nas medidas de como proteger os recursos naturais e utilizá-los de forma mais eficaz possível, conforme aponta Cavalcanti (2007). Portanto, os princípios essenciais em que devemos basear a análise da paisagem são: inclusão da utilização racional e cientificamente fundamentada dos recursos naturais; a proteção de seus componentes e a melhoria dos processos naturais; uso racional de cada parte da mesma, determinando a capacidade de carga e a distribuição racional e o regime de cada tipo de uso.

É importante ter em mente que a leitura geográfica do espaço, fazendo uso da paisagem, permite-nos determinar as inter-relações dos fenômenos existentes, considerando integralmente a natureza e a sociedade.

AINDA EXISTE PAISAGEM NATURAL?

Na sala de aula, há várias décadas, a Geografia vem convivendo com a dicotomia entre a Geografia Física e a Humana, sendo que isso reflete no ensino-aprendizagem, visto que uma grande parcela dos docentes apóiam-se em livros didáticos, muita das vezes, inadequados por abordar o quadro natural separado do social e que os conteúdos de Geografia Física tende a ser uma mera descrição das paisagens.

É comum em alguns livros didáticos do Ensino Fundamental, principalmente entre os dos 6º e 7º anos, verificarem, entre os primeiros capítulos, o estudo da paisagem, revelando as diferenças entre paisagem natural e paisagem cultural. A primeira se refere a paisagem ainda intocada pelo homem, não transformada, numa segunda natureza. Já a segunda, estaria ligada a paisagem já modificada e trabalhada pela ação humana. Uma atividade bastante comum é pedir para os alunos confeccionarem cartazes com imagens que mostrem a paisagem natural, como também, a cultural.

Assim, com isso, o professor, como articulador do processo de ensino-aprendizagem, tem o dever de submeter o aluno a questionamentos, induzi-lo a refletir criticamente sobre o conteúdo que está sendo assimilado (LIBÂNEO, 2002). Conforme aponta o professor Libâneo (1994) pode-se afirmar que será:

Através da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social (LIBÂNEO, 1994, p. 17)

Em relação a este tópico sobre o ensino da paisagem, o educador pode se indagar: até que ponto, atualmente, existe paisagens ainda intocadas pelo homem? Tal indagação está alicerçada na grande capacidade que o ser humano adquiriu, nos últimos tempos, em modificar e transformar a natureza, fazendo com que sua influência chegue a lugares, mesmo ainda intocados, por pés humanos. Vale frisar que as paisagens são produtos da interação dos elementos da natureza, independente da ação humana, como as diversas formas morfológicas terrestres que se combinam formando as mais diversas paisagens.

Um exemplo seria a discussão do aquecimento global e a emissão de gases poluentes que podem alterar paisagens que se encontram a milhares de quilômetros das regiões emissoras de poluentes. As paisagens glaciais, por exemplo, praticamente não são ocupadas pelo ser humano, mas muitos estudos apontam a emissão de gases poluentes como um dos causadores do aquecimento global, provocando o derretimento de geleiras, causando, assim, alterações nestas paisagens. Além também de mencionar as alterações na fauna e na flora dessas regiões, pois com a enorme emissão de gases poluidores por parte dos países que se encontram muito distantes dessas áreas acaba degradando esse ecossistema e modificando a paisagem negativamente. Podemos, então, afirmar que existe paisagem natural?

Esta discussão pode ser levada para a sala de aula, permitindo que o aluno tenha uma visão mais ampla e relacional das paisagens com os demais elementos que podem modificar o espaço geográfico.

Não é propósito aqui, discutir em termos teóricos, a existência ou não da paisagem natural, mas lançar bases para questionamentos e reflexões que

possam ligar o estudo da paisagem a discussões mais amplas, quebrando a visão estática com que este conceito, ainda, é trabalhado na sala de aula. Pois, a função do docente é mediar e fazer com que seus alunos possam refletir naquilo que estão sendo trabalhados.

A PAISAGEM NÃO APENAS SE VÊ, MAS SE SENTE E SE CHEIRA.

A Geografia não é uma ciência do estático, do apenas visível e parado. Porém, infelizmente, muitos docentes continuam a levar o ensino da geografia estática para a sala de aula. Sobre esta visão Wettstein (2008, p. 126) expõe que:

O ensino de geografia não incorporou o enfoque prospectivo; continua dedicando muito mais tempo e esforços para explicar as realidades estáticas do que para explicar os processos de mudança. Em outras palavras: afirmo que “o prestígio do objeto morto” incide, indevidamente, também sobre os professores de geografia. E, em muitas ocasiões, não somente ao ensinarem, mas também ao escolherem os temas a serem pesquisados.

Tal posição estática incide sobre os conceitos da geografia trabalhados pelos livros didáticos e pelos professores. O espaço, a região, o território, o lugar e a paisagem são vitimados pela visão do estático e são transmitidos de maneira incompleta errônea, sem conexão com a realidade do educando. Portanto, podemos afirmar que uma parcela de professores não realiza e nem instiga seus alunos a refletir sobre os conceitos que estão sendo abordados, e com isso acaba levando em consideração tudo o que está impresso no livro didático, sem fazer o mínimo questionamento.

Percebemos que o livro didático é para o aluno um documento, ou seja, um material escrito que pode ser usado como fonte de conteúdo para desenvolver o processo educacional, haja vista a sua fundamental utilização na prática dentro de sala de aula, e, sendo assim, para os discentes é muito pouco provável que o livro esteja equivocado.

Nessa perspectiva, a paisagem é trabalhada apenas por imagens encontradas nos livros didáticos, não se considerando a riqueza paisagística existente ao redor da escola ou do bairro. Dessa forma, perde-se a oportunidade de se perceber a paisagem nos seus mais variados enfoques, promovidos pelos sentidos (a visão, o tato, o olfato, ou até mesmo o paladar). Em diversos momentos, o aluno é

influenciado pelo livro didático, apresentando uma longa descrição do quadro físico, sem nenhuma interação com o homem e nem mesmo com a sua realidade, enfocando as paisagens de outras regiões do planeta.

Por exemplo, um córrego poluído pode ser analisado como uma paisagem, onde não apenas se vê, mais se cheira os elementos constitutivos do mesmo, levando o aluno a interagir com mais precisão o objeto de estudo, lhe proporcionando sensações que permitem ver tal realidade espacial sobre um enfoque mais amplo. Uma rua, que seja bem movimentada (comércio, trânsito caótico, ambulantes), se torna uma paisagem que exprime um modo de viver no espaço urbano. O som dos carros, os gritos dos ambulantes, o vai e vem das pessoas, revelam a dinamicidade da paisagem. Ver estes elementos de maneira estática é trabalhar imprópriamente a percepção do aluno, excluindo uma peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Santos, em sua obra *Metamorfoses do Espaço Habitado* já defendia a percepção como uma parte essencial para o desenvolvimento do aparelho cognitivo tendo extrema relevância na apreensão da paisagem (SANTOS, 2008, p. 21).

Desta forma, o estudo da paisagem não só traz consigo o ensino da geografia, como também o aperfeiçoamento da percepção, dos sentidos e do aparelho cognitivo, auxiliando de maneira ampla a aprendizagem do educando. Ressaltando que a paisagem acompanha a evolução, a mesma não é estática, necessitando, desse modo de uma abordagem de caráter dinâmico, que acompanhe o processo de transformações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da paisagem, assim como os demais conceitos da geografia, é fundamental no processo de educação geográfica. Lamentavelmente, tal conceito é, na maioria dos casos, trabalhado de maneira restrita quanto ao seu significado, riqueza e contribuição para a percepção da realidade socioespacial vivenciada pelo aluno. Do meio acadêmico não cessam as contribuições teóricas e práticas para o educador, porém, o mesmo ainda se encontra aprisionado pelo livro didático, que se tornou quase uma “bíblia” para o professor e, em muitos casos, este apresenta um proposta de ensino ultrapassada e distante do que se deveria ser realmente o ensino da geografia. Vale ressaltar que uma grande parcela das escolas, principalmente as da rede privada, exige do professor (a) a utilização completa do livro didático, mesmo que este, não esteja completamente de acordo com as novas abordagens conceituais referentes à paisagem.

Diante da abordagem feita nos livros didáticos sobre o conceito de paisagem é necessário analisarmos como este está sendo ministrado, como ensiná-lo de

maneira que desperte no discente uma visão mais complexa, principalmente no ensino fundamental II (anos finais), tendo em vista que é um assunto essencial no processo de ensino-aprendizagem da Ciência Geográfica por discutir tanto o quadro natural, quanto o social de forma integrada, colaborando para que a discussão da dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana seja ultrapassada de modo que se tenha uma coesão entre o quadro natural e o social no ensino de Geografia, permitindo uma visão global das relações que ocorrem no espaço geográfico, além de ter uma visão crítica sobre a realidade.

Dessa forma, fica difícil para o docente desmistificar os conceitos do livro e discuti-los com os alunos. A consequência disto é a continuidade de um aprendizado geográfico ínfimo e desconectado das realidades espaciais vivenciadas na contemporaneidade; e a perpetuação de um professor de geografia distante do “fazer” geográfico. Nesse momento, caberá ao professor ampliar seus horizontes e diversificar sua didática e pôr em prática tudo que foi apreendido na academia e “fazer” realmente geografia nas escolas.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Agostinho; VIADANA, Adler Guilherme. Organização do espaço e análise da paisagem. Rio Claro, SP: UNESP, 2007. 107 p.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º Grau. Serie formação do professor)

LIBÂNEO, José Carlos (2002): “Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?”, in PIMENTA, Selma Garrido, e GHEDIN, Evandro: Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo, Cortez Editora.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Parâmetros Curriculares Nacionais-Geografia. Brasília, Secretaria da Educação – SEF, 1997.

OLIVEIRA, Livia de.; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadepho. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998. v.1. 154 p. (Cadernos Paisagem / Paisagens).

SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado. São Paulo: EDUSP, 2008. HUCITEC, 1988.

SILVA, A. C. O espaço fora do lugar. São Paulo: Hucitec, 1988.

WETTSTEIN, Gérman. O que se deveria ensinar hoje em Geografia. In: Para onde vai o ensino de geografia? Ariovaldo Umbelino de Oliveira (Orgs). São Paulo: Contexto, 2008. p 125-134.

Contato com o autor: anaufn@yahoo.com.br

Recebido em: 29/09/2011

Aprovado em: 10/12/2011